

Reynaldo Valinho Alvarez: um poeta nas entranhas da cidade

Cleberton dos Santos^{*1}

“Um longo périplo une meu destino ao
do Rio e da ria, sobre o dorso da
montaria atlântica, domada
por quatro gerações de cavaleiros que
apream no chão da Guanabara.

Quando nasci, os fogos de janeiro
rajavam na manhã da Epifania”.

Reynaldo Valinho Alvarez²

Entre as múltiplas representações que Reynaldo Valinho
Alvarez³ esboçou sobre a cidade do Rio de Janeiro, abordaremos

*Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Santo Amaro.

¹ Este artigo é inspirado em minha Dissertação de Mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Aleilton Santana da Fonseca, defendida em 2006 na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), inédita. O texto original foi revisto e atualizado com novas contribuições teóricas e análises literárias em 27/10/2021.

² Poema “Périplo e rapsódia” (Alvarez: 2000, 41).

³ Reynaldo Valinho Alvarez (1931-2021) é um poeta de origem ibérica (mãe portuguesa e pai espanhol) que viveu toda a sua vida no Rio de Janeiro. Formado em Letras Clássicas,

aqui a imagem da cidade-rio que aparece já no seu primeiro livro *Cidade em grito* (1973)⁴. Numa leitura crítica inserida na obra, o escritor português Ferreira de Castro afirmou:

Reynaldo Valinho Alvarez tem muito talento poético. Moderno na forma e ao mesmo tempo bem comunicativo, fulgurante, ardoroso e policrômico, ele sugere-nos admiravelmente a alma e o corpo evolutivo do Rio. A Cidade Maravilhosa está aqui, nas suas vibrações e no seu gigantismo sempre crescente, no seu progresso radioso, em várias expressões do seu povo tão generoso e tão democrático, nos seus próprios morros – e que significativos são os versos a estes dedicados! (*apud* Alvarez: 1973, s.p)

O tema da cidade na poesia reynaldiana aparece com destaque no comentário de Ferreira de Castro, em que se compara

Direito, Economia e Administração, publicou dois romances, dois ensaios, quatorze livros de literatura infanto-juvenil e mais de vinte livros de poesia em português, espanhol e galego ou traduzidos em outros idiomas e publicados no Brasil e no exterior. Traduzido para inglês, francês, italiano, espanhol, sueco, macedônio, persa, corso e galego, foi premiado muitas vezes no Brasil e também em Portugal, na Espanha, na Itália e no México, tendo seus livros editados no Brasil, em Portugal, na Espanha, na Itália, na Suécia e no Canadá. Representou a poesia do Brasil em eventos culturais realizados em Portugal, na Espanha, na Itália, na Macedônia, na Suécia e no Canadá.

⁴ Esse livro está dividido em duas partes: “Tom menor” e “Tom maior”. Apresenta um projeto editorial que separa os poemas curtos em páginas mais estreitas (Tom menor) e os poemas longos em páginas regulares (Tom maior). Os 29 poemas são acompanhados de ilustrações de inspiração geométrica. Capa, ilustrações, foto e projeto gráfico são de Walter Pereira. O planejamento editorial é de Maria José de Sant’Anna Alvarez.

o escritor carioca aos poetas belgas que, no passado, também cantaram as cidades tentaculares⁵:

Ora visual, ora anímico e grandemente dotado de intuição, o poeta não só capta as imagens externas, mas também as reações interiores mais sutis e algumas vezes mesmo quase exprime o inefável. Parece-me que ele irá, talvez, em certos aspectos, mais longe do que foram outros poetas, sobretudo belgas, que no passado cantaram também cidades (1973, s.p).

A imagem do mundo enquanto um rio que flui ininterruptamente, tornando-se impossível banhar-se duas vezes na mesma água, foi forjada na Grécia antiga pelo filósofo Heráclito (540-480 a.C). Desde então, a imagem do rio passou a simbolizar, entre outras coisas, o eterno fluir do mundo (Abrão: 1999, 31).

Atualizando literariamente essa imagem heraclitiana do rio na cultura contemporânea, o poeta carioca cria a metáfora conceitual da cidade-rio através dos 29 poemas que formam o corpo textual de *Cidade em grito*.

Tentando captar o grito da cidade-real, o vate recria para os leitores uma cidade-textual, através de um olhar lírico sobre a líquida paisagem urbana que vivencia ao longo de sua trajetó-

⁵No artigo “A poética urbana de Eurico Alves”, publicado no caderno cultural do jornal *A Tarde* em 20/04/2002, estudamos as imagens da *cidade tentacular* no poeta baiano Eurico Alves Boaventura (1909-1974), inspirado pela leitura de Rita Olivieri-Godet (1999).

ria existencial. Aproveitando-se da polissemia da palavra “rio” (rio/Rio), através de um jogo semântico de extrema elaboração rítmica, são criadas imagens de uma cidade que flui ininterruptamente como um rio em seu renovado percurso.

No poema “As ruas”, por exemplo, é sugerida uma intensa movimentação no espaço urbano. A cidade é lugar de contínuo movimento representado no primeiro verso pelo uso dos verbos na forma do infinitivo:

Chegar, não esperar. Ir engolindo a morte
Na fumaça e no asfalto, a instável geografia
Onde o foi já não está, o haverá mudou,
Assim plantar na pedra a solidão do estar.

(Alvarez: 1973, 15)

Palco de constantes transformações arquitetônicas e sociais, a cidade grande tornou-se um lugar de “instável geografia”, onde o passado, o presente e até mesmo o futuro são tempos incertos que confluem na mesma direção. A condição do homem nessa cidade seria a de “estar” e não a de “ser”, ou seja, temporária. No primeiro verso, a movimentação das pessoas é sugerida pelo ato de “Chegar, não esperar”, pois como analisou o sociólogo francês Raymond Ledrut, “a cidade é lugar de uma vida intensa. Sem cessar os homens vão e vêm dentro de uma cidade, onde produzem e consomem, criam e recriam” (1971, 17).

A multidão⁶ é outro elemento da literatura moderna que opera na construção dessa imagem da cidade-rio. Vejamos o poema “A gente”:

Aonde pretende ir a multidão infrene?
 Em que alvo esconso cravará a seta?
 Rio, em que mar derramará as águas?
 Ela própria não sabe e, mesmo assim, caminha.

(Alvarez: 1973, 17)

Nesse quarteto, percebemos, desde a sua estruturação, através dos versos longos que se espraiam pela folha, e na ideia de deslocamento reforçada em cada palavra, que eles recriam pela imagem poética a sensação de contínua movimentação na selva de pedras. Observemos o esquema interpretativo: no primeiro verso, temos o deslocamento vão da multidão desenfreada; no segundo, o movimento veloz da seta; no terceiro, o percurso do incerto rio em direção ao desconhecido mar; e no quarto, a expressão do movimento através do próprio ato de caminhar da multidão. Além disso, os três versos interrogativos são respondidos com uma negativa no último verso, deixando o sentido das coisas em aberto como um indício do eterno movimento dessa

⁶ Dentre as várias representações literárias da multidão urbana na modernidade, destacamos o conto de Edgar Allan Poe, “O homem na multidão”, no qual a imagem da multidão traduz claramente a ideia de movimentação incessante: “Mas à medida que a noite caía, a multidão aumentava sensivelmente; e, quando as luzes se acenderam, duas ondas densas e contínuas de populares passavam pela porta como torrentes vivas” (Poe: 1999, 85).

massa urbana que atravessa o caos cotidiano em busca de respostas, mas encontrando apenas outras infinitas perguntas.

A partir desse terceiro poema da série “Tom menor”, aparece de forma polissêmica o nome da cidade, até então sem denominação. No terceiro verso, a palavra “Rio” tanto poderia designar o topônimo Rio de Janeiro (de forma coloquial e afetiva a cidade é assim chamada pelos seus habitantes), quanto poderia ser interpretada como uma “corrente contínua de água, mais ou menos caudalosa, que deságua noutra, no mar ou num lago”, segundo o dicionário Michaelis (1998, 1847). Esse caráter polissêmico da palavra “Rio” é um dos aspectos enriquecedores da tessitura poética que Reynaldo Valinho Alvarez irá explorar ao longo de toda a sua produção literária.

Dimensão poética da rua

Segundo o pesquisador Aleilton Fonseca, “a rua, em sua materialidade arquitetônica e em sua movimentação humana e tecnológica incessante, é o lugar que precisa ser frequentado, sentido e experimentado em busca de sua antes insuspeitada dimensão poética” (1997, 31).

Essa dimensão poética da rua forma justamente uma das principais tônicas da poesia reynaldiana, não somente em seu livro de estreia, mas ao longo de toda a sua produção poética, como bem reconheceu o próprio Reynaldo Valinho Alvarez em depoimento:

De qualquer modo, *Cidade em grito* é o ponto inicial de uma obra poética que se desdobrou, como já disse, em

vários outros longos poemas voltados para a temática urbana, em especial no que se refere à cidade do Rio de Janeiro, por ser ela berço do autor e por constituir, com sua pesada carga de problemas, um exemplo típico da tragédia das metrópoles (*apud* Cambeiro: 2016, 117).

No poema “Das ruas lancinantes”, aparecem outras metáforas que corporificam ainda mais a imagem da cidade-rio. Nos dois últimos versos da primeira estrofe, notamos que o recurso da aliteração em (r) é intencionalmente aplicado, pois proporciona aos leitores a sensação de uma turbulenta movimentação pelas ruas através da sonorização das palavras que se deslocam no poema como uma espécie de paradoxal “ruído rouco”, emanando das ruínas que desmoronam pela fricção dos versos lidos em voz alta:

Resta a rua rolando o rombo ruído rouco,
Rico e rotundo ruído, rara e redonda ruína.

(Alvarez: 1973, 45)

Numa espécie de discurso disfórico à cidade, em especial às suas ruas lancinantes, o eu lírico segue reafirmando seu incômodo diante da insensível fluidez urbana no terceiro verso da estrofe seguinte:

Ó ruas lancinantes de motores tristes,
Recônditas mazelas sobrepostas à onda,
Cidade que crepita, chama que transborda,

Movei da vida o braço, à luz solene e calma,
Revelai o que fica e eu vos direi do como.

(p. 46)

Já no primeiro verso, os “motores tristes”, visualização metonímica dos carros, sugerem o desconfortável movimento do melancólico tráfego urbano. “Crepitar” e “transbordar” são expressões que indicam claramente o caráter da eterna mutação desse corpo urbano, que por meio do fogo e da água alimenta a vida de uma “urbis tentacular”.

Assim como a cidade mudou e continuará sempre mudando, o eu lírico revela-nos a sua própria metamorfose: “E, vede, já não sou o mesmo que antes era” (p. 46). Na sétima estrofe, a imagem heraclitiana do eterno fluir das águas do rio-mundo é explorada novamente pela polissemia da palavra “Rio”; a cidade Rio é fluente e assim como o rio de Heráclito também não se repete duas vezes:

E o serdes como sois me atinge plenamente
No que melhor vos sinto e que, entretanto, flui,
Cidade-rua-praia-morro-esquina-escola,
Pois Rio sois fluente e eis que fluindo estais.

(p. 47)

A criação de um verso formado por apenas uma longa palavra composta, elaborada a partir da sobreposição de substantivos que designam diversos espaços da paisagem urbana, traduz a fluidez dessa cidade e do poeta que mesmo sem a presença

de verbos consegue deslocar o olhar do leitor-transeunte por vários meandros da vida cotidiana do Rio. Na estrofe seguinte, o poeta reitera seu olhar:

O melhor é fluides. Ruas lancinantes,
Setas presas nos alvos, dentro, vou carpindo.
Sentimento brutal, monstro nunca domado,
Paixão que envolve tudo e me proclama o apenas.
Pois que eu sou o comum, o homem só das mil caras,
Essa onímoda face do que vai nas ruas.

(p. 47)

A imagem bipartida da cena urbana é capturada pelo olhar atento e crítico do poeta que, embora diante de tanta desolação, continua carpindo sua estranha musa:

As ruas lancinantes, Rio escuro e claro,
Tormentosos clarões, bruscas sombras do nada,
Sangue de gasolina em corações mecânicos,
Explosões, óleo-diesel, aviões, misturas,
Barracões dissolvidos no ambiente morno,
Tudo flui, coração que tumultuado bates.

(p. 47)

A dinâmica do movimento urbano é traduzida em uma linguagem ágil, sonora e plasmada em versos ligeiros como a correnteza de um rio que flui incessantemente. O homem

(poeta triste?) e a máquina se fundem em um novo ser formado de “Sangue de gasolina em corações mecânicos”⁷.

Mais adiante, a fluidez que define a vida urbana é reafirmada pela própria reiteração das imagens. E sua condição é sempre a de *não ser*. A alienação do viver urbano é ressaltada pela sonolência que o poeta percebe na multidão:

Multidões sempre assim com um solitário modo,
O taciturno jeito de quem vai dormir,
Interminavelmente, o Rio vai fluindo,
Rio que flui sem ser e ao menos por querer.

(p. 47)

Os dois versos finais da estrofe são expressões visíveis do estado de fluidez urbana que (desen)canta o poeta. A escolha do advérbio “interminavelmente” por si só já sugere um prolongamento temporal que se estende até o infinito. A própria repetição do verbo “fluir” nos dois versos (através de conjugações diferentes, mas complementares) reafirma o caráter quase líquido da cidade, ou seja, temos uma cidade-rio que alimenta na multidão o “solitário gesto de viver”⁸.

⁷ Essa imagem do homem transformado em máquina, como resultado da vertiginosa vida urbana, é recorrente em outros poetas do século XX, a exemplo de Manuel Bandeira, que disse no poema “Escusa”: “Sou poeta da cidade. / Meus pulmões viraram máquinas inumanas e aprenderam a respirar / o gás carbônico das salas de cinema” (2002, 134).

⁸ Referência ao título de um longo poema de temática urbana publicado no livro *A faca pelo fio* (Alvarez: 1999, 297).

Na poesia de Reynaldo Valinho Alvarez, percebemos que a cidade pode fluir em todas as direções, inclusive na verticalidade como se ela fosse um organismo vivo. Assim, temos um dos principais símbolos da contínua expansão urbana: os altos edifícios modernos.

Vigas mestras do sonho sempre acontecendo,
Vergalhões levantados para o largo céu,
Tijolos, argamassa, ferro, aço e betume,
A multidão cercada em mortos escritórios.
Ah, quem pudera um dia abrir a cerca e aos berros
Soltar o gado bom que pasta nos fichários.

(p. 48)

O emprego da expressão “sempre acontecendo” intensifica o caráter de continuidade da ação contida na forma do gerúndio. O gesto da eterna construção da torre de Babel é marca indelével nas cidades modernas em seu estado de eterno fluir⁹. Crescer, horizontalmente ou verticalmente, tornou-se um imperativo no *modus vivendi* do espaço urbano, mesmo que esse crescimento represente exclusão, alienação e emparedamento. Nos três últimos versos da estrofe, o eu lírico assume uma posição de denúncia perante uma realidade que oprime a condição humana e rebaixa o *ser* à categoria animal.

⁹ Sobre essa questão, ver os ensaios de Renato Cordeiro Gomes (1994) sobre literatura e experiência urbana na modernidade.

Mais à frente no mesmo poema, aparecem nomes de ruas que compõem a geografia lírica do poeta projetada na imagem, quase cinematográfica, de uma “colmeia gigantesca”, que talvez possa representar a turbulência das pessoas que trafegam nas calçadas e despertam um sentimento tão profundo que só pode ser traduzido em lágrimas:

Ouvidor, Rio Branco, rios sem remansos,
Calçadas que se matam na ânsia de falar,
Colmeia gigantesca, forja inapagável,
Cantar é muito pouco e ponho-me a chorar.

(p. 50)

Cinco possibilidades interpretativas

Segundo Chevalier e Gheerbrant, “o simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da *possibilidade universal* e o da *fluides das formas* (E. Schuon), o da fertilidade, da morte e da renovação” (1999, 780). Por esse prisma de interpretação do símbolo do “rio” na construção da imagem cidade-rio projetada em *Cidade em grito*, temos algumas considerações possíveis na leitura dos poemas essencialmente urbanos.

A “possibilidade universal” seria justamente esta capacidade que a imagem de cidade-rio tem de representar não apenas a cidade do Rio de Janeiro, lugar geográfico delimitado topograficamente pelas vivências do poeta, mas todas as metrópoles que não cessam de fluir como rios humanos que correm em várias direções.

Outra representação possível é a questão da “fluidez das formas” na construção poética de *Cidade em grito*. Assim como a temática escolhida é a fluidez urbana, o poeta elabora seus versos a partir de uma fluidez das formas poéticas, pois, tirando a primeira parte, intitulada “Tom Menor”, na qual predominam as quadras de versos quase sempre regulares, a segunda parte, intitulada “Tom Maior”, é composta utilizando-se a técnica dos versos livres, brancos e longos. Na verdade, uma variedade de formas e metros é utilizada na composição dessa obra, dando aos poemas uma fluidez formal em sintonia com o discurso poético¹⁰. Ainda no campo da “fluidez das formas”, destacamos o emprego recorrente da aliteração, recurso estilístico que dá uma maior fluidez sonora ao texto:

Resta a rua rolando o rombo ruído rouco,
Rico e rotundo ruído, rara e redonda ruína.

(p. 45)

Raivas roendo, ruivas. Silêncios súplices, de súbito.

(p. 54)

Zabumba que bambeia o bando bronco,
Flor do tronco, do ronco e do barranco,
Morro, torrado morro tórrido morrendo.

(p. 59)

¹⁰ Sobre essa questão da “fluidez das formas”, temos o depoimento do poeta sobre seu processo de criação literária: “*Cidade em grito* é formado de cantos ou partes de estrutura desigual, neles variando a metrificacão, a rima e a estrofacão, o que dá ao livro uma complexidade polimétrica, próxima do versilibrismo” (*apud* Cambeiro: 2016, 116).

Corpo de borco, porco, bicho em porco,
Álcool nas veias, sol nos lábios, tombo,
Bando rotundo e seu redondo bumbo.

(p. 61)

Longas línguas lambendo lamas, lagos.

(p. 62)

O simbolismo da “fertilidade” está justamente no fato de que a cidade-rio é matéria-base desse canto lírico. O poeta contemporâneo não mais deseja ficar “longe do estéril turbilhão da rua”¹¹, pois é a cidade em sua pulsação (des)humana que se torna um solo fértil para fazer germinar as sementes da imaginação poética¹². Assim nos indicam os versos do poema “Das ruas lancinantes”:

E o mais é só cantar. Falar das avenidas,
Das ruas, dos jardins, das praças, das travessas,
Do povo que reflui e flui, torna a girar
Sobre si mesmo sempre, qual serpente esquivo.
Dizer dos lampiões, da luz noturna e elétrica,
Da fauna subterrânea: a gente das esquinas,
Os bares, madrugadas, cios, fumos, álcool.

(p. 49)

¹¹ Poema “A um poeta”, de Olavo Bilac (1996, 336).

¹² Cf. o ensaio de Ferreira Gullar (1989) sobre a inspiração do poeta contemporâneo.

A simbolização da morte, também ligada ao rio, pode ser entendida na metáfora cidade-rio através do sentimento urbano de degradação que é vivenciado pelo eu lírico na sua penosa travessia pelas águas turvas da cidade. Percebemos, na leitura sequenciada dos poemas, uma espécie de morte da cidade, já anunciada pela metáfora-título da “cidade em grito”. Uma atmosfera de degradação humana, de destruição de certos valores sociais, de devastação da paisagem-memória e de afundamento da cidade em uma espécie de “lodo existencial” anuncia a morte pelo grito (in)visível da “cidade exangue”:

E o mais é só cantar em voz toada ou falsa
Os pulsos sempre abertos da cidade exangue.
E o mais é só cantar. Cantar as lancinantes
Ruas mortas do tédio, renascidas sempre.

(p. 50)

A questão da “renovação” está no âmago da existência dessa cidade moderna representada na poesia reynaldiana. Enquanto o rio renova constantemente suas águas através do seu ininterrupto fluir, a cidade também renova sua face através do seu infinito processo de construção-demolição-construção. A avassaladora mutabilidade urbana é o ponto de convergência do poema “Das casas de azulejos”, que assim termina:

Recortam rodas brutas os limites
Do solitário mundo ensolarado.
E o taciturno aspecto não vacila,

Imerso no fluir, córrego aflito.
 Procura o que ontem foi. É vã pesquisa.
 E colhe a flor vidrada dos ladrilhos.

(p. 75)

No poema “Epílogo”, que encerra *Cidade em grito*, os leitores encontrarão um emblemático canto-síntese, no qual o poeta retoma o questionamento inicial sobre seu propósito de cantar a cidade-musa:

Terei cantado em vão, visto que fluis
 Ininterruptamente, vaga e rio?
 Difícil é captar o teu motivo,
 Face onímoda e esparsa, poliedro.
 Estás, não és. Percorres, não te fixas.
 Inútil perseguir-te em tua fuga.
 E, ao cabo, só me ficam fios lúcidos
 De teu vestido rápido de fada.

(p. 76)

A tarefa de cantar a cidade, de captar o grito de sua “face onímoda”, sempre foi uma difícil tarefa lírica para todos os poetas de tempos e línguas diferentes. A cidade multifacetada não permite ao poeta-leitor criar uma visão totalitária, definitiva e orgânica da paisagem. Resta apenas um canto vão e solitário em que o poeta tenta traduzir sua experiência urbana:

O longo poema refere-se a alguns aspectos do Rio de Janeiro e reitera várias vezes a impossibilidade de se can-

tar/contar a cidade, num reconhecimento que reflete a incomunicabilidade dos seres urbanos, tão próximos e, simultaneamente, tão distantes entre si. Cada um carrega o seu fardo a muito custo. Pesa-lhe parar, com o fardo às costas, para ouvir o lamento ou a imprecação do outro (Alvarez *apud* Cambeiro: 2016, 116).

A condição dessa cidade é expressa principalmente pelo jogo semântico dos verbos “ser” e “estar”. O “ser” seria uma condição permanente, enquanto o “estar” denota um caráter provisório, volátil. Assim como o rio que corre ininterruptamente, também a cidade é um fluir perpétuo que desperta nos poetas memórias e projeções cantadas ora em “tom menor” (disforia), ora em “tom maior” (euforia).

Epílogo

A leitura aguçada de sua ampla fortuna crítica, nacional e internacional, aponta sempre para o domínio de vários recursos estilísticos e para sua acentuada riqueza temática, aspectos que fazem da obra poética de Reynaldo Valinho Alvarez uma das mais altas expressões da literatura brasileira contemporânea. O lirismo urbano e a riqueza formal dos seus versos foram dois fenômenos amalgamados que despertaram minha atenção para estudar a poesia desse carioca-universal.

Embora o tema urbano esteja evidenciado nesse artigo, não é a cidade real que ocupa o centro de nossa reflexão literária, mas, sim, a cidade-poesia, a cidade-rio, a cidade-metáfora

que foi (r)erguida pela linguagem poética e através da qual o eu lírico caminha solitariamente desolado para encontrar a “Razão do poema” e, talvez, abraçar a solidão dos leitores:

De como revelar o irrelatado anúncio,
A questão foi proposta e é claro o desafio.
Que posso então fazer senão o inevitável
Ato puro de amor que ela, a cidade, espera?

(p. 13)

Referências

- ABRÃO, Bernadete Siqueira. *História da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Cidade em grito*. Rio de Janeiro: Gráfica Danúbio, 1973.
- _____. *A faca pelo fio: poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- _____. *Das rias ao mar oceano*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2000.
- BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- CAMBEIRO, Delia. *A cidade e o olhar do poeta: ensaios sobre a lírica urbana de Reynaldo Valinho Alvarez*. Rio de Janeiro: Contraste, 2016.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- FONSECA, Aleilton. *A poesia da cidade: imagens urbanas em Mário de Andrade*. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.
- _____. *O Arlequim da Pauliceia: imagens de São Paulo na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GULLAR, Ferreira. *Indagações de hoje*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- LEDROUT, Raymond. *Sociologia urbana*. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

MICHAELIS. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

OLIVIERI-GODET, Rita. *A poesia de Eurico Alves: imagens da cidade e do sertão*. Salvador: EGBA, 1999.

POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. Tradução de Breno Silveira. Rio de Janeiro: Edibolso, 1999.

SANTOS, Cleberton dos. *Nas entranhas da cidade: estudo da lírica urbana de Reynaldo Valinho Alvarez*. (Dissertação de Mestrado). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2006.

Resumo

Neste artigo apresentamos um estudo do lirismo urbano na poética do carioca Reynaldo Valinho Alvarez (1931-2021), através da análise temática em consonância com a interpretação das estruturas líricas. Poeta, ficcionista, ensaísta e autor de literatura infanto-juvenil, Alvarez é apontado pela crítica nacional e estrangeira como um dos principais autores da poesia brasileira contemporânea. Nossa leitura toma as imagens da cidade enquanto aspecto fundamental na composição de uma poética contemporânea de caráter existencialmente urbano. Sendo assim, analisamos as múltiplas figurações urbanas, levando-se em consideração o diálogo entre a literatura e outras formas de representação da cidade. O *corpus* analisado é constituído pelos poemas do livro *Cidade em grito*, que apresentam a temática urbana como sua principal configuração, gerando um canto-testemunho sobre a cidade projetada pelo eu lírico. Verificamos, principalmente, cenas inspiradas pela metrópole do Rio de Janeiro, espaço primordial das suas experiências existenciais e sociais. Pretendemos contribuir para a ampliação da sua fortuna crítica e para o acervo geral dos estudos sobre a poesia brasileira contemporânea. Para tanto, utilizamos o conjunto de sua obra poética e uma ampla fortuna crítica sobre seus livros, além de um referencial teórico sobre literatura e experiência urbana de estudiosos como Aleilton Fonseca, Renato Cordeiro Gomes, Ferreira Gullar, Delia Cambeiro e Raymond Ledrut, entre outros teóricos da lírica urbana na modernidade.

Palavras-chave: Reynaldo Valinho Alvarez; lírica; cidade; contemporâneo.

Abstract

In this paper we present a study of urban lyricism in the poetics of Reynaldo Valinho Alvarez (1931-2021) from Rio de Janeiro, through thematic analysis in line with the interpretation of lyrical structures.

Poet, fictionist, essayist and author of children's literature, Alvarez is pointed out by national and foreign critics as one of the main authors of contemporary Brazilian poetry. Our reading takes the images of the city as a fundamental aspect in the composition of a contemporary poetics with an existentially urban character. Thus, we analyze the multiple urban figurations, taking into consideration the dialogue between literature and other forms of representation of the city. The analyzed corpus is constituted by poems from the book *Cidade em grito* that present the urban theme as its main configuration, generating a testimonial-song about the city projected by the poetic persona. We verify, mainly, scenes inspired by the metropolis of Rio de Janeiro, the primordial space of his existential and social experiences. We intend to contribute to the expansion of his critical fortune and to the general collection of studies on contemporary Brazilian poetry. For that, we use the whole of his poetic work and a wide critical fortune about his books, besides a theoretical reference on literature and urban experience by scholars such as Aleilton Fonseca, Renato Cordeiro Gomes, Ferreira Gullar, Delia Cambeiro and Raymond Ledrut, among other theoreticians of the urban lyric in modernity.

Keywords: Reynaldo Valinho Alvarez; lyric; city; contemporary.

Recebido em 28 de outubro de 2021.

Aceito em 27 de março de 2022.